

## DIA DOS PAIS: UMA HOMENAGEM

Max Lucado

Hoje é Dia dos Pais. Um dia para colocar perfume. Um dia de abraços, gravatas novas, telefonemas de longa distância e cartões requintados.

Hoje é o meu primeiro Dia dos Pais sem pai. Durante 31 anos, eu tive pai. Um dos melhores pais. Mas agora ele se foi. Está sepultado debaixo de um antigo carvalho, num cemitério no oeste do Texas.

Apesar de ele ter ido embora, sua presença está muito próxima principalmente hoje.

Parece estranho ele não estar aqui. Acho que é porque ele nunca tinha ido embora. Estava sempre por perto. Sempre disponível.

Sempre presente. Suas palavras não eram nenhuma novidade. Suas realizações, apesar de admiráveis, não eram extraordinárias.

Mas sua presença era.

Assim como uma aconchegante lareira de uma casa espaçosa, ele era um oásis reconfortante. Assim como um resistente balanço para crianças na varanda, ou um olmo frondoso no quintal, ele sempre podia ser encontrado... e tinha sempre um ombro amigo.

Durante os anos turbulentos de minha adolescência, papai foi uma parte previsível de minha vida. Enquanto uma namorada ia e outra vinha, papai estava presente. A paixão pelo futebol transformou-se em paixão pelo beisebol e voltou a ser pelo futebol, e papai sempre estava presente. Férias de verão, datas comemorativas da família, álgebra, primeiro carro, jogos de basquete longe de casa - tudo isso tinha uma coisa em comum: sua presença.

E, por ele estar presente, a vida transcorria calmamente. O carro sempre rodava em ordem, as contas eram pagas, a grama estava sempre aparada. Por ele estar presente, o riso era fácil e o futuro, garantido. Por ele estar presente, meu desenvolvimento foi aquele que Deus planejou para mim; um livro de histórias de leitura rápida através da magia e do mistério do mundo.

Por ele estar presente, nós, as crianças, nunca nos preocupamos com imposto de renda, caderneta de poupança, pagamento das contas do mês ou hipotecas. Estes eram assuntos restritos à escrivanhinha de papal.

Temos um grande número de fotografias da família sem ele. Não porque ele estivesse ausente, mas porque estava sempre por trás da câmera.

Ele tomava decisões, apartava brigas, ria de uma boa piada, lia o jornal todas as noites, e preparava o café da manhã nos domingos. Não fazia nada diferente. Fazia apenas o que os pais devem fazer estar presente.

Ele me ensinou a fazer a barba e a orar. Ajudou-me a decorar versículos para a Escola Dominical e me ensinou que as coisas erradas devem ser punidas e as coisas certas têm sua merecida recompensa.

Ele nos deu o exemplo sobre a importância de levantar cedo e se manter afastado de dívidas. Sua vida exemplificou o complicado equilíbrio entre a ambição e a autoaceitação.

Penso nele quase sempre. Quando sinto a fragrância da colônia pós-barba "Old Spice", lembro-me dele. Quando vejo um barco de pesca, vejo seu rosto. E, vez por outra, não sempre, mas vez por outra, quando alguém conta uma boa piada, eu ouço sua risada. Ele tinha uma risada característica, sempre acompanhada de um largo sorriso e de sobrancelhas arqueadas.

Papai nunca me disse nada sobre sexo, nem me contou a história de sua vida. Mas eu tinha certeza de que, se quisesse saber, ele me contaria. Bastaria eu pedir. E eu sabia que, se necessitasse dele, ele estaria presente.

Como uma lareira aconchegante.

Talvez seja por isso que este Dia dos Pais está um pouco frio. O fogo da lareira apagou. Os ventos da idade engoliram a última chama maravilhosa, deixando apenas brasas douradas. Existe, porém, uma coisa estranha naquelas brasas: basta atiçá-las para que a chama volte a brilhar. Seu brilho será rápido, mas ela brilhará. E terá calor suficiente para afastar um pouco o ar frio e me fazer lembrar que ele ainda está... de maneira especial, muito presente.